



Agronegócio vai ser tema de jornal estudantil em Dourado



As tradicionais visitas dos alunos do Programa Educacional “Agronegócio na Escola” às empresas do agro da região se concentram no segundo semestre. Em 2013 cerca de 1.500 estudantes saíram das salas de aula para ver de perto indústrias, fazendas, cooperativas, usinas, instituições de pesquisa e universidades. A decisão do local a ser visitado é do professor e acontece em função da afinidade do município com determinado setor ou mesmo para buscar uma visão diferente da realidade local.

A cidade de Dourado, por exemplo, tem na dobradinha café e cana-de-açúcar a base da economia local. Por isso, a professora de português e redação, Luciana Desajácomo, da Emef Senador Carlos José Botelho, definiu que seus alunos iriam visitar usinas, torrefadoras, fazendas de café; além de pequenos produtores da cidade que abastecem os mercados locais com hortifrúti. O objetivo é que os alunos entendam o quanto a cidade depende do campo e como a população urbana está ligada ao meio rural.

A intenção é que esses estudantes compartilhem o que viram e aprenderam com os demais alunos da escola

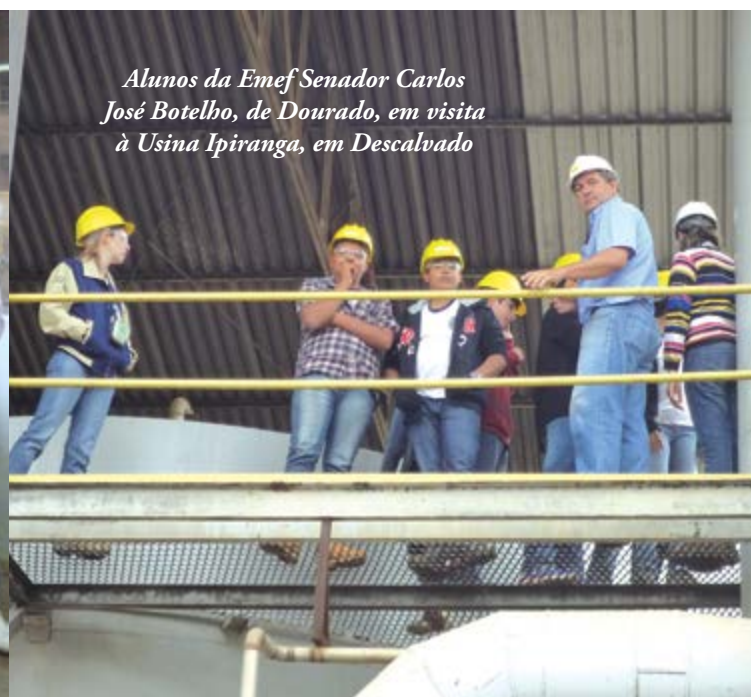


através de um jornal que irão escrever. Esse será o resultado do “Agronegócio na Escola” em 2013 na cidade de Dourado, com mil exemplares impressos - um número muito expressivo já que a cidade tem oito mil habitantes. O jornal será levado por todos para suas casas e distribuído nos principais pontos comerciais e turísticos.

Uma das matérias será a visita que os alunos fizeram na Usina Ipiranga,

em Descalvado. De caderno na mão, a aluna Ana Beatriz da Silva era a responsável por anotar tudo, enquanto outros três cuidavam das fotos. Em vídeo, eles assistiram o trabalho feito no campo com colheita manual e mecânica; depois, *in loco*, puderam entender o que acontece com a cana-de-açúcar após a entrada pelos portões da usina. Foi uma visita completa, começando pela amostragem do teor de sacarose retirada ainda dentro dos caminhões, passando pelos laboratórios, moendas, centrífugas, secadores e decantadores - enfim, por todo processo de produção do açúcar e do etanol. Os alunos, muitos interessados na questão ambiental, conheceram ainda o tratamento da água usada na usina, feito em sistema de circuito fechado para reduzir o consumo.

Ao final da visita, a “montanha” de bagaço de cana chamou a atenção e despertou o interesse do grupo. Poucos sabiam que ele é utilizado para gerar a energia elétrica que movimenta toda a usina; e que o excesso é vendido para que outras indústrias abasteçam suas caldeiras. Assunto não vai faltar para o jornal dos alunos. É esperar para conferir.



Alunos da Emef Senador Carlos José Botelho, de Dourado, em visita à Usina Ipiranga, em Descalvado

VI Prêmio ABAG/RP de Jornalismo

Mais que vencer, o



Esalq - palestra do Cepea e Roberto Rodrigues



Tour Ciência Universitário em parceria com Andef



CTC - Centro de Tecnologia Canavieira - Piracicaba



Baldan Máquinas Agrícolas - Matão

O VI Prêmio ABAG/RP de Jornalismo José Hamilton Ribeiro, categoria Jovem Talento, bateu recordes em 2013: 158 estudantes de jornalismo de doze faculdades, entre públicas e privadas, participaram de suas atividades práticas e garantiram o direito de inscrever reportagens para a premiação final. Essas atividades são o grande diferencial do Prêmio, que, ao impor a obrigatoriedade de participação, apresenta o setor ao futuro formador de opinião, além de abrir uma nova perspectiva de atuação profissional.

Neste ano, foram dois “mergulhos” no mundo do agronegócio. O Ciclo de Palestras e Visitas, ocorrido no primeiro semestre, mostrou o que acontece ‘dentro e depois’ das porteiras das fazendas nas cadeias produtivas do café, da pecuária leiteira e da cana-de-açúcar. No Seminário “Mecanização e Sustentabilidade”, realizado no final de agosto, os estudantes conheceram o ‘antes’ da produção no campo.

Nesta segunda etapa, as visitas aconteceram em empresas e instituições de pesquisa que trabalham no intuito de atender às demandas do campo por melhorias e inovações - fundamental para o crescimento da produção agropecuária visando o suprimento das necessidades da crescente população mundial.

A mecanização foi um dos temas apresentados por sua contribuição ao salto de produtividade das lavouras brasileiras nas últimas décadas, através do desenvolvimento de máquinas e equipamentos agrícolas melhor adaptados à realidade da agropecuária nacional. A multinacional Case IH, em Sorocaba, abriu suas portas para que os jovens pudessem conhecer a linha de produção industrial de pulverizadores e colhedoras, com tecnologias específicas para atender a agricultura tropical. Na brasileira Baldan, em Matão, que tem 85 anos de história, eles perceberam o desafio que a indústria nacional se impôs para acompanhar a evolução da tecnologia agrícola e poder oferecer produtos com qualidade em um mercado altamente competitivo.

Os defensivos químicos, também fundamentais para garantir a boa produtividade e a ‘saúde’ das lavouras, foram abordados no Tour Ciência Universitário, realizado em parceria com a ANDEF, Associação Nacional de Defesa Vegetal, em que os alunos se inteiraram sobre os processos de pesquisa e testes envolvidos na estruturação desses produtos; e tiveram um maior contato com as aplicações da biotecnologia na agricultura. As visitas aconteceram nas indústrias e nos espaços de testes de campo das empresas Ihara, Dow e Syngenta.

Mais pesquisas, de diferentes naturezas, foram conhecidas em

“Passei a ler o jornal de forma diferente, antes não conseguia ver a influência do agronegócio nos outros setores, depois das atividades do Prêmio isso mudou”.

Jessica Sumida,
Unesp/ Bauru.

Journalismo José Hamilton Ribeiro

que vale é aprender

outras instituições de renome: na Embrapa Pecuária Sudeste, os estudantes apuraram o que é feito para que o setor enfrente os desafios do aquecimento global. A Rede Pecus, que visa a mitigação da emissão de gases do efeito estufa pela pecuária, é um exemplo. Um trabalho que vai desde a análise da produção – como a da avaliação da eficácia da iLPF, integração lavoura, pecuária e floresta, até a produção animal propriamente dita, com testes de novos tipos de manejo para o rebanho. No CTC, Centro de Tecnologia Canavieira, em Piracicaba, uma palestra conduziu o grupo pela história da cana-de-açúcar e pelo desenvolvimento dessa importante fonte de energia limpa, cujo potencial de produção ainda é pequeno frente às possibilidades que as próprias pesquisas e a demanda apontam. E, no Cepea, Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada, da Esalq/Usf, jornalistas relataram como realizam a comunicação das pesquisas econômicas e sociais ligadas ao agronegócio brasileiro, utilizadas como fonte de informação por jornalistas brasileiros e estrangeiros, além de empresas e investidores.

Durante o seminário, quatro palestras complementaram as informações recebidas ao longo das visitas: o diretor executivo da ABAG, Eduardo Soares de Camargo, falou sobre os desafios da logística para o agronegócio brasileiro, um assunto extremamente atual; o gerente de comunicação da Andef, Antônio Carlos Moreira, trouxe uma visão menos acadêmica e mais prática das redações ao abordar os desafios da vida do profissional de jornalismo; a diretora executiva da ABAG/RP, Patrícia Milan, mostrou como a Associação usa a educação e comunicação para valorizar a imagem institucional do setor; e o coordenador do Centro de Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas, Roberto Rodrigues, um dos mais respeitados líderes do agronegócio brasileiro, fez uma síntese do que é e o que representa o agronegócio do Brasil para o mundo.

André Rinaldi, estudante da Escola de Comunicação e Artes da USP, se surpreendeu positivamente com o Seminário, vislumbrando diversas editorias dentro de um mesmo tema: “a economia é uma editoria que sempre me interessou, mas nunca tinha entrado por essa área da agricultura e do agronegócio. Achei muito interessante e tem tudo a ver com o jornalismo que quero trabalhar. Em três dias aprendi muita coisa”.

Depois de duas etapas práticas os estudantes de jornalismo estão formalmente “apresentados” ao agronegócio, prontos para preparar suas pautas e concorrer ao VI Prêmio ABAG/RP de Jornalismo José Hamilton Ribeiro. A premiação está marcada para 27 de novembro.

“Entrei no prêmio por curiosidade para apurar e descobrir o que o agronegócio representa, e ele é mais do que eu imaginava. Esta experiência vai me acompanhar pelo resto da vida”.

**Leonardo Villas Boas
Gonçalves, Mackenzie**



Roberto Rodrigues fala aos futuros jornalistas



Embrapa Pecuária Sudeste - sustentabilidade



Laboratórios Syngenta



CaseIH - Sorocaba

Desafio para o presente: tornar a agricultura familiar profissional e eficaz

A Organização das Nações Unidas (ONU) oficializou 2014 como “Ano Mundial da Agricultura Familiar”, um reconhecimento à sua importância estratégica para a segurança alimentar. A campanha foi feita por 350 organizações de 60 países no intuito de fortalecer seus produtores familiares.

No Brasil a agricultura familiar tem 4,3 milhões de unidades produtivas, o que corresponde a 84,4% dos estabelecimentos agropecuários do país e emprega 74% da mão de obra do campo (IBGE).

Por esses números fica claro que não existe separação entre agricultura familiar e comercial. A produção e os empregos que a agricultura familiar gera entram nos números totais do agronegócio brasileiro, responsável pelo superávit da balança comercial, pelos 37% dos empregos formais, por 42% das exportações e, aproximadamente, 1/4 do PIB.

Mas o que é agricultura familiar? No Brasil os requisitos básicos para enquadrar o agricultor nessa categoria são: renda bruta familiar anual até R\$ 360 mil e que 50% dela seja oriunda da atividade agrícola; que tenha, até, dois empregados registrados; e possua no máximo 4 módulos fiscais (unidade de medida agrária).

Cumpridas essas condições, o produtor familiar pode contrair créditos com juros mais baixos e vender sua produção para programas especiais do governo. Segundo Brás Albertini, presidente da Federação dos Trabalhadores da Agricultura de São Paulo (Fetaesp), o “olhar” sobre a agricultura familiar mudou nos últimos 15 anos, ela está mais valorizada, tem mesmo linhas de crédito diferenciadas e, se organizada, comercializa melhor seus produtos. Mas há muito a fazer. Segundo ele, não existe uma política clara e duradoura e, principalmente, não existe informação. Falta assistência técnica, contato com as novas tecnologias e orientação de gestão. Para o presidente da Fetaesp, só a volta da extensão rural pode realmente impulsionar a agricultura familiar para o caminho da modernidade.

A boa notícia para a agricultura familiar é recente: no início de outubro foi aprovado o Projeto de Lei que cria a Anater, Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural, que ainda tramita pelo Congresso. É uma esperança para os pequenos e os médios produtores, pois o órgão terá como objetivo desenvolver políticas rurais para aumentar a produtividade, melhorar a renda no campo e promover o desenvolvimento sustentável no meio rural.

A importância da agricultura familiar é indiscutível, mas torná-la mais profissional e eficaz é inadiável.



Visita dos cooperados da Coperfam à empresa parceira

PRODUÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR - BRASIL

87% da mandioca
70% do feijão
46% do milho
38% do café
21% do trigo
16% da soja
58% do leite
50% da carne de aves
59% da carne de suínos
30% de bovinos

Fonte: Ministério do Desenvolvimento Agrário, MDA

Exemplo positivo

Um bom exemplo de organização do pequeno produtor vem de uma grande cooperativa. A Coopercitrus, Cooperativa de Produtores Rurais, que tem sede em Bebedouro e mais de 20.000 cooperados, percebeu, através de uma parceria com o Sebrae/SP, que para poder ajudar os agricultores familiares de sua região teria que organizá-los de forma diferente. Para isso foi criada uma cooperativa exclusiva para o atendimento da demanda da agricultura familiar, a Coperfam.

A Cooperativa de Produtores Rurais de Agricultura Familiar foi formada em 2012 e já tem 110 cooperados. Entre seus objetivos está a organização da produção, a constituição de canais de escoamento, além

da capacitação técnica e gerencial dos produtores. Agregar valor é uma das prioridades. As iniciativas são muitas, das mais simples como embalar mandioca pré-cozida e laranja descascada, até as mais complexas, como envazar e comercializar suco de laranja. A Coperfam já é dona de uma marca de suco de laranja e os primeiros 10 mil litros foram servidos em Bebedouro durante a Feacoop, em agosto: um trabalho que está só no começo. A partir de 2014 o suco deve ser produzido em grande escala para ser comercializado em programas do governo.



Laranja descascada, exemplo de valor agregado para produtores da Coperfam